



**ATAQUES DE 11 DE SETEMBRO /** Quatro sobreviventes dos atentados contra as Torres Gêmeas do World Trade Center relembram o pavor e o medo da morte, contam como suas vidas foram impactadas e admitem que a ameaça extremista ainda paira sobre o planeta

# Marcados pelo terror

» RODRIGO CRAVEIRO

No próximo sábado, 20 anos terão se passado desde o dia em que o terrorismo golpeou a maior potência do planeta e assombrou o mundo. Às 8h46 (9h46 em Brasília) de 11 de setembro de 2001, uma terça-feira ensolarada, cinco extremistas suicidas lançaram o avião que fazia o voo 11 da American Airlines contra a Torre Norte do World Trade Center, em Manhattan, provocando um rombo entre o 93º e o 99º andares. Dezesete minutos depois, cinco terroristas arremeteram o voo 175 da United Airlines contra a Torre Sul, entre o 77º e o 85º andares. Às 9h59, a Torre Sul desabou. O mesmo ocorreu com a Torre Norte, às 10h28.

Os atentados cobriram Nova York com densa camada de poeira e espalharam o horror. Na mesma manhã, o Pentágono, em Washington D.C., era atacado. Outro avião, que fazia o voo 93 da United Airlines, caiu na Pensilvânia, após passageiros tentarem tomar a cabine. O maior ataque terrorista da história deixou 2.977 mortos, além dos 19 sequestradores.

Duas décadas depois, o **Correio** entrevistou quatro sobreviventes — dois trabalhavam na Torre Norte, um na Torre Sul e outro em um prédio situado em frente ao World Trade Center. As lembranças os assombram. Dois deles foram diagnosticados com transtorno do estresse pós-traumático. Três acham que o mundo não está seguro. Todos ressignificaram a vida: passaram a valorizar as pequenas coisas, engajaram-se na solidariedade ou deixaram o emprego. Leia os relatos, em primeira pessoa, de quem foi marcado para sempre pelo terror.

Shannon Stapleton/Reuters



Shannon Stapleton/AFP



Gulnara Samoilova/AFP



Stan Honda/AFP



Richard Drew/AP



Alex Fuchs/AFP



Seth McAllister/AFP



bateu na Torre Norte, nosso prédio estremeceu e ouvimos um som incrivelmente alto. Alguém entrou no escritório e disse que uma aeronave havia atingido uma das Torres Gêmeas. Pensei que fosse um avião pequeno, que tivesse errado de direção. Curioso, desci para ver o que aconteceu. A rua parecia uma zona de guerra. Papéis e destroços cobriam o asfalto. Olhei para a Torre Norte e fiquei chocada ao ver um buraco negro imenso no lado do prédio, com fogo e fumaça.

Vi destroços caindo. Então, percebi que era uma pessoa. Quando entendi que estavam pulando, comecei a gritar 'Não!' várias vezes e corri rumo à Torre Norte. Choviam escombros, e vi, de perto, pessoas despencarem. Eu estava abaixo da Torre Sul quando o segundo avião se chocou contra o prédio. Comecei a correr pela minha vida. Vi um homem ferido, com a cabeça aberta e o cérebro exposto. Havia sangue por todos os cantos. Uma ambulância chegou, mas duvidou que ele tenha sobrevivido. Gostaria de pensar que o mundo está mais seguro do terrorismo. Acho que não, especialmente ante os incidentes no Afeganistão."



**KAYLA BERGERON,** 58 anos, diretora do Programa Conexão Forsyth, uma organização comunitária que visa ajudar dependentes químicos. Hoje, vive em Suwanee (Geórgia)

"Eu estava na Torre Norte. Meu escritório ficava no 68º andar. Fui uma das últimas pessoas a sair do prédio. As cenas mais impressionantes que guardo envolveram pessoas ensanguentadas, incluindo policiais e bombeiros. Logo depois que consegui deixar o World Trade Center, a Torre Norte caiu. Uma nuvem de fuligem negra e espessa engolfou Manhattan, enquanto eu corria para salvar a minha vida, subindo 16 quarteirões, até o Túnel Holland.

Fui diagnosticado com transtorno do estresse pós-traumático em 2018. Os terroristas roubaram minha carreira, ainda que eu esteja no caminho da recuperação. Centenas de sobreviventes foram esquecidos. Eles não receberam nenhuma assistência. Nada... Percebi que a vida é frágil. Ela pode ser mudada em um piscar de olhos. Há extremistas que odeiam os EUA, e nós não podemos mudar isso. Mas podemos transformar o modo como tratamos uns aos outros. Podemos começar a respeitar pontos de vista diferentes. Não acho que o mundo esteja mais seguro, pois o ódio continua a ser incutido entre os extremistas. Mas, não podemos viver com medo. Precisamos viver nossas vidas e cuidar de quem amamos."

"Fui diagnosticado com transtorno do estresse pós-traumático pouco depois do 11 de Setembro e sofro com isso. O atentado mudou minha vida rapidamente. Sai do emprego que eu tinha em frente ao World Trade Center. Não poderia descer, dia após dia, e me deparar com os escombros fumegantes onde estavam as Torres Gêmeas. Não lidaria emocionalmente com isso. Pedi demissão. Mudei-me para a Pensilvânia, para ficar com meus pais. Vivi em Nova York por 26 anos. Meus pais tornaram-se prioridade. Eu me lembro de tudo o que aconteceu. Trabalhava em um prédio em frente ao World Trade Center, no 23º andar. Quando o avião

Fotos: Arquivo pessoal



**LOLITA K. JACKSON,** 54 anos, diretora-executiva de Comunicações e Cidades Sustentáveis da Sustainable Development Capital LLC, em Nova York

"Eu sobrevivi aos atentados de 26 de fevereiro de 1993 — um caminhão-bomba explodiu dentro da garagem do World Trade Center — e de 11 de setembro de 2001. Naquela manhã de quase 20 anos atrás, eu estava numa sala de reunião, no 72º andar da Torre Sul. Ao olhar pela janela, vislumbrei o primeiro avião se chocar com a Torre Norte, às 8h46 (9h46 em Brasília). Quando descíamos pelas escadas, houve um anúncio do setor de segurança pedindo que pegássemos o elevador até o 44º andar.

Eu estava com meu amigo Thomas Swift, que decidiu fazer

uma ligação para a esposa e acabou não entrando no elevador. Foi quando o avião colidiu com a nossa torre. Senti o impacto, e o prédio balançou. Descemos 44 andares pelas escadas em 10 minutos. No metrô, soube que a Torre Sul tinha desabado. Sofri um trauma. Primeiro porque Thomas não pôde sair. Depois, porque vi quando a Torre Norte foi atingida pelo avião — uma bola de fogo se formou e papéis caíram. Meus pesadelos têm a ver com o momento do impacto.

Percebi que, se posso ser morta no trabalho, é melhor que eu ame o meu emprego de verdade. Eu me afastei, passei um ano e meio sabático; e mudei de carreira. Trabalhei por 15 anos para o gabinete do prefeito em posições que ajudaram a sociedade. Todas as coisas que eu queria fazer, comecei a fazê-las plenamente. Isso inclui me envolver na universidade como ex-aluna, cantar em bandas, viajar pelo mundo — agora, estou em Galápagos, no Equador, de férias —, estar mais ligada a meu relacionamento com Deus e apenas ter uma vida plena e rica."



**MANUEL CHEA,** 57 anos, peruano, morador de Nova York

"É óbvio que jamais me esquecerei daquele dia. Ainda consigo reprimir cada momento, desde a hora em que o avião atingiu o meu prédio, até a fuga pelas escadas. Eu sempre tive medo de altura. Tornou-se muito pior desde aquele 11 de setembro. Eu me lembro que estava sentado em minha mesa, no 39º andar da Torre Norte, quando, às 8h46, o prédio sacudiu, como se fosse um terremoto. A torre começou a balançar para frente e para trás, de forma simultânea. Ouvi uma grande explosão, acima. Imediatamente, depois que o prédio parou de chacoalhar, levantei-me da cadeira e corri até a escada. Depois de uma hora, cheguei ao átrio do World Trade Center e à rua.

A queda das Torres Gêmeas foi a cena mais difícil que presenciei naquele dia. Quando a Torre Sul caiu, eu estava a duas quadras e comecei a fugir da imensa nuvem de poeira que se aproximava e dos escombros que se deslocavam pela rua em minha direção. Eu estava mais longe quando testemunhei a queda da Torre Norte. Não pude deixar de pensar nos bombeiros que encontrei enquanto descia as escadas. Sabia que eles tinham morrido de forma instantânea.

Antes do 11 de Setembro, eu trabalhava com tecnologia de informação em um banco. Agora, ajudo na resposta a calamidades, na Agência de Gerenciamento de Emergências de Nova York. Tenho flashbacks recorrentes. Por um tempo, evitei a região onde ficavam as Torres Gêmeas. Também reajo com breve pânico diante de situações que me tragam as lembranças. O mundo está mais vigilante, mas muitos atentados ocorreram desde então. Os terroristas encontram maneiras de atacar. Sei de uma coisa: não passarei a minha vida com medo; se eu o fizer, então os terroristas terão vencido."



**ARTIE VAN WHY,** 68 anos, funcionário de uma firma de advocacia em frente ao World Trade Center

"Fui diagnosticado com transtorno do estresse pós-traumático pouco depois do 11 de Setembro e sofro com isso. O atentado mudou minha vida rapidamente. Sai do emprego que eu tinha em frente ao World Trade Center. Não poderia descer, dia após dia, e me deparar com os escombros fumegantes onde estavam as Torres Gêmeas. Não lidaria emocionalmente com isso. Pedi demissão. Mudei-me para a Pensilvânia, para ficar com meus pais. Vivi em Nova York por 26 anos. Meus pais tornaram-se prioridade. Eu me lembro de tudo o que aconteceu. Trabalhava em um prédio em frente ao World Trade Center, no 23º andar. Quando o avião

## GUINÉ

# Forças especiais anunciam golpe

A imagem do presidente da Guiné, Alpha Condé, cercado por soldados e transtornado, ganhou as redes sociais. "Decidimos, depois de prender o presidente, (...) suprimir a Constituição, dissolver as instituições e o governo, assim como fechar fronteiras terrestres e aéreas", declarou um dos golpistas, integrante das forças de elite do país da África ocidental, em nota nas redes sociais. O Ministério da Defesa de Guiné assegurou que o golpe teria sido evitado. No fim da tarde, os militares golpistas decretaram toque de recolher.

Morador de Conakry, o jornalista Emmanuel Millimono contou ao **Correio** que disparos de armas automáticas começaram a ecoar pela capital às 7h de ontem (4h em Brasília). "Nós escutamos tiros vindos até de dentro do Palácio Presidencial de Sekhouhoureah. Primeiro, o grupo das forças especiais do Exército exigiu a libertação de seu comandante, capturado a mando do presidente. A situação é tensa desde o fim da eleição, em outubro de 2020. Foi a terceira candidatura de Condé.

A oposição contestou a mudança constitucional, e o resultado do pleito acabou rejeitado pela oposição", comentou.

Segundo Millimono, o clima em Conakry — cidade de 2 milhões de habitantes — é de apreensão. "Algumas pessoas temem por suas vidas, especialmente as que vivem perto do palácio." O jornalista explicou que seu comandante Condé tomou decisões polêmicas. "As mais contestadas foram os aumentos no preço dos combustíveis e de 36% no orçamento da Presidência. Isso em um con-

texto econômico e sanitário complicado", observou.

Millimono explicou que a nota do Ministério da Defesa foi divulgada antes da consolidação do golpe. O jornalista Thierno Maadjou Bah, 34, confirmou à reportagem que Doumbouya assumiu o poder, dissolveu o Parlamento, suspendeu a Constituição e anunciou uma consulta nacional para uma transição pacífica. "No momento, é difícil fazermos um balanço de mortos. Outras unidades do Exército se uniram às forças especiais", disse. (RC)

Forças Especiais da Guiné/Divulgação



O presidente Alpha Condé, após ser preso por militares: 11 anos no poder